

Diversão & Arte

» IRLAM ROCHA LIMA
» RICARDO DAHEN
» NAUM GILÓ

Os filhos de mães artistas sentem a pulsação da arte desde a gestação na barriga materna. E, quando existe vocação, a arte e a vida se abraçam de maneira indivisível. Na passagem do Dia das Mães, o **Correio** ouviu mães e filhas sobre essa rica interação, sem excluir as que questionam a idealização da figura feminina.

O despertar das artes nas atrizes e irmãs Eliana Carneiro e Felícia Johansson ocorreu naturalmente no convívio com a mãe, a bailarina clássica Lila Cajsa. E, de maneira semelhante, elas repassaram o legado para cada uma das filhas, respectivamente, Naira e Clarisse. “Minha mãe é uma mestra que me inseriu no meu caminho. Generosa, me deixou muito à vontade em cena, sempre me estimulou a me expressar. Devo muito à ela: me abraçou, em cena e na vida, me orientando e guiando”, destaca Naira. Aos 33 anos, filha de cenógrafo e parente de atrizes, Naira percebeu que “vida e arte se misturam”.

Em 1995, o espetáculo *Os Buriti dançam bambou* estreitou laços entre Naira e Eliana. À época, aos seis anos, numa compra de tecidos para um espetáculo, Eliana foi surpreendida pelo romântico da filha: “Me meti no meio, e defini meu figurino”, diverte-se Naira, ao relembrar da traquinagem. Sempre nutrida por arte, “na barriga da mãe, ou mesmo, sendo amamentada”, Naira destaca, na obra conjunta, espetáculos como *O marajá sonhador*, no repertório da jornada pelos palcos, fortalecida pela presença de Guian, filho de Eliana.

No aprimoramento da eterna busca pela arte, com questionamentos, adesão a poéticas, subversão e interpretações da realidade, Eliana Carneiro se viu lapidada pela vivência. “O que alimenta a arte é a dignidade, são as trocas nos afetos e no que vêm dos encontros”, pontua Eliana.

Até chegar à parceria igualitária e de muita sintonia com os filhos, a diretora, atriz e dançarina Eliana moldou e redimensionou projetos artísticos. “Além do desenvolvimento de uma linguagem e de uma pesquisa, com os filhos tão maravilhosos que tenho, percebi que me ensinaram tanta coisa, fui agraciada. Vivi uma transformação artística, a partir do momento em que minha filha, aos seis anos, decidiu entrar em cena: comecei a contar histórias para ela e para todas as crianças. Ela foi minha grande inspiração, junto com meu filho, que tem um talento incrível”, explica Eliana.

Orgulho

Depois de muitos espetáculos solo, nas décadas de 1980 e 1990, Felícia Johansson, que sempre se afirmou uma “autora atriz”, com ampla pesquisa de linguagem em textos performáticos, equilibrou “orgulho e preocupação”, quando do mergulho nas artes, feito pela filha Clarisse. Há seis anos, Clarisse é atriz do Teatro Oficina, liderado por José Celso Martinez Corrêa. O receio da mãe foi o de ver Clarisse atuante “num país que não aposta nada em arte”.

Assim como “fazia parte da educação” (ao lado da irmã Eliana, em criança), Felícia percebeu a filha, desde criança, interessada nos bastidores, na lida com maquiagem e afins. Professora de teatro da UnB, Felícia, que, nos anos 1980, brilhou ao lado de Hugo Rodas, celebra os

Coração de mãe artista

No dia delas, o **Correio** ouviu personagens da cidade para falar da interação com os filhos quando arte e vida são indivisíveis

Arquivo Pessoal



Gabriela e Tiago Tunes: parceria de mãe e filho no chorinho

Eliana e Naira Carneiro em cena na companhia Os Buriti



Jane Pini/Diálogo

Arquivo pessoal



Janette Dornelas na ópera *Albert Herring*, de Britten, 2015

Arquivo Pessoal



Rebeca Abdo e Cassia Portugal: filha e mãe na trilha musical

Thaís Mallon



Clarice Gonçalves: a maternidade deveria ser marcador social

foi a grande incentivadora e com quem gravou vídeos disponíveis nas plataformas digitais. “Tiago é líder de um trio e de um quinteto, com o qual gravou um EP. Com esses grupos, ele toca no Clube do Choro, Feitiço das Artes e em outros bares do circuito das casas noturnas”, conta.

Maternidade tematizada

A pintora Clarice Gonçalves sempre teve sua arte atravessada pela socialização e sexualidade femininas, bem como os papéis de gênero. Mãe há oito anos, nove se for contado o período da gravidez, a maternidade vem sendo algo trabalhado na sua arte. Em 2019, ela fez uma exposição no Museu Nacional da República, chamada *Matriz*, só com obras que falam da maternidade. “Agora meu trabalho está fluindo para uma outra vertente, mas que também vem desse lugar da maternidade e acho que sempre virá. Ser mãe é para sempre”, pontua a artista. “Para mim, ser mãe deveria ser um marcador social, assim como raça, classe e gênero, porque é um fator de empobrecimento, depressão e exaustão e acaba sendo uma forma de tirar a mulher do meio social e político”.

Apesar da romantização da maternidade, a qual a artista considera nociva num contexto em que a mulher mãe passa por tantas dificuldades, a melhor parte de ser mãe, para ela, é observar o cerne do ser humano e como se dá o desenvolvimento social de uma pessoa. “A criança não nasce machista, preconceituosa ou odiando. Com trabalho árduo e contínuo de tentar explicar esse mundo que não faz o menor sentido para uma criança, você vê que é possível desenvolver pessoas com mentalidades diferentes, com abertura, com consciência diferente dessa baseada no medo religioso e no ódio ao diferente. Eu me sinto no topo da revolução.” Clarice também ressalta que é impossível controlar o que o filho vai ser, por causa da convivência com a sociedade, embora ela dê e ensine o melhor para ele.

ciclos da vida, ao ter sido espectadora da filha em obras como *Punaré* e *Baralúna* (também com Rodas). “Numa parceria, é a forma de ficar perto.” Felícia conta da aposta no audiovisual, com projetos como a série *Planetelle*, de ficção científica. Além de prêmio no Webfest Rio, *Planetelle* foi destaque no Canadá e na Coreia do Sul.

Com percepção dos atributos da mãe, Clarisse não poupa elogios ao encaminhamento recebido por Felícia, sempre atenta, em especial, ao quesito humor. “Ela é minha parceira e mestra, na vida e na arte, me ensinando a viver e a trabalhar com integridade, leveza e humor. Grande coração de mãe”, conta.

Em ritmo de samba

Edênia Lucas de Paiva, a Tia Edênia, carioca radicada em Ceilândia, 57 anos, é compositora há três décadas, ligada ao samba. Autora de sambas gravados pelo cantor Milsinho, entre os quais *Novo jardim* e *Meu dilema*; e pelo grupo Amor Maior e registrado no álbum-coletânea *Sementes de Brasília II*, ela compôs também samba-enredo para a escola Capela Imperial. “Acredito que o fato de eu ser compositora influiu para que meu filho tenha se tornado sambista. Ele é baixista do grupo Deu Vibe, no qual atua também como produtor.”

Enquanto isso, Janette

Dornelas atua em outra vertente da música. É uma cantora que pertence à geração do rock de Brasília, contemporânea e amiga de Cássia Eller, com que participou do coro da ópera *Porgy and Bess*, de George Gershwin e do musical *Veja você Brasília*, de Osvaldo Montenegro. No momento, atua como cantora lírica em montagens de óperas e faz shows como intérprete de MPB, por rock e jazz. “Fiquei feliz quando percebi o interesse das minhas filhas pela música. Hoje, me orgulho das duas. A Sophia Dornellas, que é cantora lírica, está radicada no Rio de Janeiro; enquanto a Bruna Torre optou pelo rock, como vocalista da banda Mirante.”

Cassia Portugal, carioca radicada em Brasília, é cantora de MPB há 25 anos. Se apresenta no circuito de casas noturnas brasilienses e em eventos particulares. Recentemente, participou do programa televisivo *The Voice Brasil*. Tem um disco lançado e está gravando outro. “Minha filha Rebeca Abdo atua no mercado do teatro musical, já tendo trabalhado com Deto Montenegro e Túlio Guimarães. Atualmente, mora em Toronto, no Canadá. Me vejo como uma autêntica mãe-coruja”.

As mães artistas estão presentes também no chorinho. Gabriela Tunes é flautista de choro há 10 anos. Costuma se apresentar em duo com o filho, o bandolinista Tiago Tunes, de quem

GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pezro Sangeon



@gurulino